

O PRIMEIRO TITULAR DO MINISTÉRIO DO TRABALHO (*)

"Comerás o pão com o suor do teu rosto"
(do livro do Gênesis)

Desde o "Gênesis", um conceito imanente ao homem consolidou-se de forma perene em todas as civilizações, apesar da fugacidade da existência: o sentimento do trabalho. Aqui estamos, num profundo simbolismo, na data universal de comemoração do trabalho como valor permanente da humanidade, para homenagear um vulto da história pátria que muito contribuiu para o aprimoramento de sua regulamentação social no País: o criador e primeiro titular do Ministério do Trabalho: LINDOLFO COLLOR.

Permitam no entanto todos os senhores, preliminarmente, na minha indissociável condição de Presidente do Tribunal Superior do Trabalho e também em nome dos meus pares, a este velho magistrado, já na sobretarde da vida e em final de travessia e de jornada de mais de quatro décadas dedicadas à Justiça, neste 1.º de maio, render uma homenagem comovida e sincera aos verdadeiros donos desta data: os trabalhadores de todo o Brasil!

Há poucos instantes, juntamente com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, cuja presença entre nós honra e engalana este Tribunal, e com os representantes dos estamentos sociais que estratificam as relações entre o capital e o trabalho, plantamos árvores no jardim interno que dedicamos a Lindolfo Collor, como preito singelo. Agora, cumpre-me entregar à visitação pública uma exposição sobre a obra de Lindolfo Collor, uma mostra de apresentação de sua produção científica, os livros da coleção que leva o seu nome, o mobiliário da época, enfim, marcos significativos de sua ação e que assinalam a ambiência em que atuou.

Este é apenas um dos eventos, dos mais significativos, é bem verdade, dentre muitos que ocorrerão em todo o Brasil, no decorrer deste ano de 1990, que marca a passagem do centenário de seu nascimento.

Muitos poderiam perguntar o porquê desta homenagem do Judiciário, feita nos umbrais da Corte Trabalhista Suprema. Creio que a resposta é simples: aqui nesta Casa de Justiça, há que se fazer justiça ao estadista Lindolfo Collor. Sob a renúncia e solidão de nossas togas, em território neutro, estamos imunes às influências políticas, às quais somos refratários e

(*) Discurso proferido pelo Ministro Marco Aurélio Prates de Macedo, na abertura da exposição sobre a vida e obra de Lindolfo Collor, no Saguão do TST, em 1.º.5.90.

inteiramente à vontade para, num País cuja memória ainda é por demais curta ou falha, tentar resgatar o valor da obra, a dimensão cultural, a contribuição jurídico-social e, sobretudo o perfil político e a estatura de estadista do criador e primeiro Ministro do Trabalho da Pátria, que é o autêntico precursor da Justiça Trabalhista Brasileira. Daí os eventos nesta Corte, neste Tribunal Superior do Trabalho: a criatura a ajudar, com essas homenagens, neste local, a rasgar os pesados véus e cerradas cortinas de silêncio que insistem em cobrir a lembrança do criador, o grande brasileiro Lindolfo Collor. A rica alegoria das árvores plantadas significa também o semear constante e a construção diuturna, fainas diárias desta Corte, na edificação perfeita da paz social sonhada por Lindolfo Collor.

Impõe-se-me, como Coordenador da Comissão de âmbito federal incumbida das comemorações do centenário de nascimento de Lindolfo Collor, missão honrosa que me foi outorgada, por desvanecedora indicação de sua família, um breve bosquejo sobre o perfil do homenageado, antes que todos possam apreciar detidamente as lembranças e relíquias que procuramos reavivar neste instante:

Nascido em São Leopoldo, no nosso querido e comum Estado do Rio Grande do Sul, a 4 de fevereiro de 1890, LINDOLFO LEOPOLDO BOECKEL COLLOR era o filho mais novo do casal luterano JOÃO BOECKEL e LEOPOLDINA SCHREINER, descendentes de alemães que vieram para o Brasil no começo do século passado. Farmacêutico por formação, jamais exerceu a profissão, destacando-se, no entanto, em sua curta e luminosa existência, como político atuante e idealista, como poeta inspirado e jornalista combativo e brilhante e como homem público íntegro e realizador, profundamente preocupado com as questões sociais e com os postulados democráticos que sempre regeram a sua conduta. Como político militante, foi Deputado Estadual em 1921 e duas vezes Deputado Federal, em 1924 e 1928, com atuação sempre voltada aos problemas econômicos, financeiros e sociais que já afligiam o Brasil de sua época. Como poeta promissor e escritor fecundo, chegou a candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, no verdor de seus 27 anos. Como jornalista destemido, mas ao mesmo tempo equilibrado, dono de texto primoroso e cuidadoso, escreveu em diversos veículos de comunicação, desde pequenos jornais do interior do Rio Grande do Sul, até os grandes vespertinos da capital federal, como o Jornal do Commercio. Como o grande formulador da Aliança Liberal e redator de seu manifesto, Lindolfo Collor foi um dos principais líderes da Revolução de 1930. Mas foi como fundador e primeiro titular do Ministério do Trabalho no Governo Vargas, que deixou a sua marca indelével e a sua contribuição mais marcante e significativa para a Pátria. Como pensador progressista que era e genial formulador de normas certas e justas, capazes de regular os fenômenos econômicos e sociais em efervescência desordenada no momento capital de sua investidura no Ministério recém-criado, Lindolfo Collor teve a antevisão do cientista social sensível e desprendido, que foi capaz de dedicar-se com

denodo à concepção de todos os projetos legais, avançados à época, e até hoje subsistentes, como substratos indissociáveis de todo o arcabouço do direito positivo laboral brasileiro. Suas exposições de motivos, primorosamente redigidas e fundamentadas, sempre tendo por escopo o interesse dos trabalhadores, deram origem a todos os principais decretos do Presidente Getúlio Vargas — marcando o período como o do verdadeiro nascimento da justiça social no País.

De sua inspiração surgiram: a proteção ao trabalhador e ao trabalho nacionais; o disciplinamento da participação da mão-de-obra estrangeira no mercado; a criação das jornadas de trabalho limitadas a oito horas; o estabelecimento dos critérios para a fixação do salário mínimo; a regulamentação dos contratos e das convenções coletivas de trabalho; a instituição da Previdência Social e, sobretudo, a concepção e o estabelecimento das Comissões de Conciliação, base da própria criação da Justiça Trabalhista em sua atual conformação paritária, com a formulação de postulados que o transformam, na prática, no verdadeiro patrono da Justiça do Trabalho do Brasil.

Lindolfo Collor foi antes de tudo um liberal, patriota de acendrada formação democrática e arraigados princípios éticos e morais, que o afastavam das aventuras totalitárias, da perpetração de injustiças, e da sombra protetora e enganosa dos oportunismos dos poderosos eventuais, perfil que lhe trouxe, ao revés, perseguições ideológicas e a amargura do exílio. Por tudo isso, ajusta-se com perfeição à exteriorização de sua vida pública, o feliz epíteto com que sua filha, a Sra. Leda Collor de Mello, intitulou recente e inspirado artigo em sua memória: “O Operário da Liberdade”. Lindolfo Collor foi fiel à sua vocação, fazendo de sua arte o espelho de sua alma e de seu verbo florescido, o veículo de seus ideais e de suas aspirações mais altas. Estou firmemente convencido de que a disseminação das suas idéias, das suas obras e da sua vida, há de gerar uma benfezeja e vigorosa onda de emulação, que se alojará no coração da juventude brasileira.

As parcas colheram Lindolfo Collor muito jovem ainda, quando sua capacidade criadora e a sua trajetória pública, no clímax de seus 52 anos de idade, indicavam fulgurantes caminhos e novas e preciosas contribuições à Pátria. Com a sua morte, em setembro de 1942, restou aos pósteros seu legado impercível, a merecer continuidade e aprimoramentos.

Quis o destino, nos seus indecifráveis desígnios, que a um neto de Lindolfo Collor, o jovem e impetuoso Presidente Fernando Collor, em momento dramático do nosso País, como depositário das esperanças de todo o povo, coubesse a missão impostergável de transformar o Brasil. Identifico em seu olhar o brilho intenso dos punhais, a exteriorizar a obstinação dos vitoriosos e a confiança sem limites em suas forças interiores. Inevitável se torna o paralelismo histórico: a ação determinada de Vossa Excelência — lastreada em sua sinceridade de propósitos e destemor pessoal,

— em prol dos mais legítimos interesses nacionais, certamente tem suas raízes cravadas, quais estacas irremovíveis e eternas, nas diretrizes premonitórias da obra de seu avô. Por tudo isso, reconhecendo as graves e ingentes responsabilidades que lhe couberam, vislumbro, no entanto, como augúrio que a coletividade formula aos predestinados, o êxito final de sua jornada, na medida em que ela seja a senda corolária do governo fecundo que Vossa Excelência se propõe a realizar, pautado pela liberdade, pela solidificação da democracia, pelo desenvolvimento harmônico e pleno da sociedade, pela integração dos desvalidos à comunhão nacional e, sobretudo, pela consecução da Justiça Social, assegurando-lhe um grande e glorioso destino e o reconhecimento e o respeito de todos os brasileiros.

Deixo à reflexão de todos os presentes, um trecho marcante de uma última entrevista de Lindolfo Collor ao Semanário carioca "Diretrizes", em julho de 1942, na véspera de sua última prisão e a dois meses de sua morte, que bem retrata a dimensão de seu pensamento e a grandeza democrática de suas convicções:

"Eu sou antitotalitário, por excelência. Prezo a liberdade humana, acima de tudo. Por isso, só admito os regimes em que a liberdade do homem esteja estruturada na lei. A liberdade, para mim, em matéria de doutrinas políticas, é o que eu chamo uma convicção que está para o meu caráter como a pele para o meu corpo. Fora dela, é a morte do espírito".

Senhores, tenho como verdade que a marcha implacável do que se convencionou chamar de tempo, consegue destruir completamente as obras materiais dos homens, transformando-as em ruínas; só não consegue erodir ou sufocar os seus sonhos e a sua criatividade. Esses sonhos reais, repletos de seiva vital, são os que resistem à inclemência das ampuhetas, dos relógios e dos calendários.

Eis a índole da obra de Lindolfo Collor: um vigoroso e criativo sonho, capaz de transformar a realidade!

Muito obrigado.